

XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE 25 A 28 DE SETEMBRO DE 2013



palavras da presidente

GLEDA BRANDÃO COELHO MARTINS DE ARAUJO

Queridos colegas,
Com grande emoção escrevo para o último número desta gestão do FEBRAPSI NOTÍCIAS. Estes dois anos de intenso trabalho e incontáveis viagens foram imensamente gratificantes, pois me permitiram conhecer mais de perto cada federada, conviver com seus membros e participar de seus eventos.

Além do apoio da diretoria da FEBRAPSI em eventos promovidos pelas federadas, gostaria de salientar outras atividades realizadas: contratação de Consultor com o qual fizemos muitas reuniões e que culminou na exposição de suas conclusões aos presidentes e delegados. Ele também nos assessorou na contratação de um gerente administrativo-financeiro e na execução e agilização das diversas tarefas que cabem à FEBRAPSI realizar.

Foi importante para a psicanálise brasileira minha participação, como Presidente da FEBRAPSI, nos congressos da

FEPAL, ano passado em São Paulo e no da IPA no corrente ano em Praga, bem como no Conselho de Presidentes da FEPAL nos anos de 2012 (Montevideu) e 2013 (Buenos Aires).

Participei, com a Diretora do Conselho Profissional, de reuniões do Movimento Articulação que, desde julho de 2000, vem reunindo Entidades Psicanalíticas Brasileiras com o objetivo de defender a Psicanálise das tentativas de regulamentação e apropriação por instituições alheias a seu campo, movimento no qual a FEBRAPSI tem tido um papel de destaque.

Outra tarefa que demandou muito trabalho e dedicação foi a organização do XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise, na cidade de Campo Grande, de 25 a 28 de setembro. Quem teve a oportunidade de participar do Congresso pôde constatar o trabalho esmerado empreendido por todos os envolvidos no evento: Diretoria da FEBRAPSI, Comitê Local,

staff da FEBRAPSI, empresa organizadora e, inquestionavelmente, todas as federadas nas pessoas de seus Presidentes e Diretores Científicos.

Finalizando gostaria de agradecer a todos os componentes da minha diretoria pela amizade e apoio nesses vinte quatro meses de convivência intensa e muito trabalho, e agradecer também a cada colega, pela confiança depositada em nossa diretoria. Desejo à próxima gestão muito sucesso na condução dos rumos de nossa federação. Um abraço afetuoso.



Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS)



notícias do congresso

VENCEDORES DOS PRÊMIOS

Prêmios FEPAL

1. Prêmio Durval Marcondes para Análise Didática: Gisèle de Mattos Brito (SBPSP/GEPMG).

2. Prêmio Fabio Leite Lobo para Membro Efetivo: Maria Cecília Pereira da Silva (SBPSP).

3. Prêmio Mário Martins para Membro Associado: Claudia Aparecida Carneiro (SPB)

4. Prêmio João Bosco Calábria de Oliveira para Candidato: Berta Hoffmann Azevedo (SBPSP).

Prêmio Revista Brasileira de Psicanálise

O prêmio oferecido pela Revista Brasileira de Psicanálise foi ganho por Vera Lucia Colussi Lamanno Adamo (SBPSP/GEPCampinas).

Prêmio ABC

O prêmio oferecido pela ABC foi atribuído a Fátima Maria Vieira Batistelli (SBPSP).

FEDERADAS E PRESIDENTES

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Nilde J. Parada Franch

Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)

Judit Letsche

Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

Celmy de A.A. Quilelli Correa

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)

Viviane Sprinz Mondrzak

Sociedade Psicanalítica de Recife (SPR)

José Fernando de Santana Barros

Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB)

Carlos de Almeida Vieira

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)

Helena Ardaiz Surreaux

Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel)

José Francisco Rotta Pereira

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SPRP)

Rachel B. Lomônaco Beltrame

Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ RIO 4)

Maria Adelaide da Cunha Neves Leonardo

Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS)

Lenita Osório Nogueira Araujo

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG)

Sérgio Kehdy

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG)

Delza Maria da Silva Ferreira de Araujo

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (GEPFor)

Paulo Marchon

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas)

Nelson José Nazaré Rocha

Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC)

Marcio Antonio Johnsson

NÚCLEOS

Núcleo de Psicanálise de Marília e Região

Núcleo Psicanalítico de Natal

Núcleo Psicanalítico de Maceió

Núcleo Psicanalítico de Florianópolis

Núcleo Psicanalítico de Aracajú

Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo

Núcleo Psicanalítico de Salvador

Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina

DELEGADOS

Ambrozina Amália Coragem Saad.

Andreas Zschoerper Linhares

Ana Cláudia G.R. de Almeida

Ana Paula Terra Machado

Carlos de Almeida Vieira

Celmy de A.A. Quilelli Correa

Christine Marques Castro Vinas

Delza Maria da Silva Ferreira de Araújo

Eleonora Abbud Spinelli

Gisèle de Mattos Brito

Hang Ly H. de Ikegami Rochel

Helena Ardaiz Surreaux

José Francisco Rotta Pereira

Judit Letsche

Lenita Nogueira Osório Araujo

Luis Tenório Oliveira Lima

Maria Adelaide da Cunha Neves Leonardo

Maria Arleide da Silva

Maria de Fátima Chavarelli

Marisia Abrão

Nelson José Nazaré Rocha

Nilde J. Parada Franch

Paulo Marchon

Paulo Quinet de Andrade

Rachel B. Lomônaco Beltrame

Roberto Catil Jabur

Ronaldo Mendes de Oliveira Castro

Sergio Antonio Cyrino da Costa

Sérgio Kehdy

Viviane Sprinz Mondrzak

CONSELHO PROFISSIONAL

Diretora: Ana Paula Terra Machado (SBPPA)

SBPSP - Alícia B. Dorado de Lisondo

SPRJ - Paulo Lessa

SBPRJ - Vania Cidade

SPPA - Rudyard Emerson Sordi

SPR - Maria Crisales Lima Rezende

SPB - Sylvain Nahum Levi

SBPdePA - Beatriz Saldini Behz

SPPel - José Francisco Rotta Pereira

SBPRP - Maria Auxiliadora Campos

APERJ Rio-4 - Sérgio Antonio Cyrino da Costa

SPMS - Ana Deise Leonardo Cardoso

GEPMG - Eliane de Andrade

GEPG - Daniel Emídio de Souza

GEPFOR - Roberto Nóbrega Teixeira

GEPCampinas - Hang Ly H. de Ikegami Rochel

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editor: Bernardo Tanis (SBPSP)

Editora Associada: Alice Paes de Barros Arruda

FEBRAPSI NOTÍCIAS PROPÕS QUESTÕES PARA 3 CANDIDATOS:

A atividade do psicanalista é uma tarefa estranha devido à forma como trabalhamos. Alguns dizem ser um trabalho impossível. Cada um de nós certamente já sentiu isso, mas também já teve a experiência contrária, seja em sua análise pessoal, seja em seu ofício de psicanalista.

A formação psicanalítica é o que nos prepara para essa atividade e, como sabemos, encontra-se assentada no tripé composto pela análise pessoal do analista, pela supervisão de seus atendimentos clínicos e por seminários teóricos e clínicos oferecidos por seu Instituto (no caso de formação em instituições filiadas à IPA).

Este é o lado formal do currículo proposto para formação dos candidatos. Por outro ângulo, pode-se dizer que a formação se dá num espaço simbólico representado pelo seguinte tripé: a Personalidade do Candidato, o Método Psicanalítico e as Relações Institucionais (Odilon de Mello Franco Filho, 2000).

Podemos ainda mencionar as passagens simbólicas presentes nos rituais do processo de formação, que nos remetem a mais um *round* da passagem edípica. Esta, inclui identificações, idealizações e desidealizações, paixão, renúncia, luto, narcisismo, diferenças entre sujeitos e entre gerações, pertencimento, exclusão, tradição e ruptura.

O vir-a-ser Psicanalista é um processo que não cessa, já que ao longo da vida e da carreira de psicanalista continuamos a alimentar esse processo nos muitos rituais e passagens subsequentes à formação no Instituto. Mas, acreditamos que a formação nesses moldes pode contribuir muito para a fundação de uma subjetividade psicanalítica e para criar os alicerces que passarão a fazer parte de nossa identidade como psicanalistas.

É por esse motivo que convidamos alguns colegas em formação em diferentes Institutos ao redor do país, a pensarem a

respeito de seu processo de formação e das passagens que ele representa. Sabemos que o Brasil é grande e diversos são os processos vividos em suas Sociedades de Psicanálise. Gostaríamos de apresentar essa diversidade.

Perguntamos:

1. Como você, como candidato(a), se relaciona com as questões apontadas no texto acima?
2. Quais aspectos específicos da formação em seu Instituto de uma Sociedade vinculada à IPA você gostaria de salientar como fundamentais em seu percurso?
3. Há alguma característica de seu Instituto ou da Sociedade a que ele pertence que tenha causado impacto em sua formação?
4. Comente outros aspectos que avalie importantes.

CYNTHIA PEITER

Tomar contato com essa citação de Odilon conduziu-me a uma viagem no tempo. Há 25 anos, despedia-me de minha cidade, Florianópolis, onde já bem cedo iniciara meu percurso psicanalítico junto a importante grupo de estudos, com Zimmermann e Osório. Preocupada em dar continuidade a meu primeiro *“round”*, meus dois mestres e *“primeiros objetos de identificação psicanalítica”* deram-me valiosas orientações. Para recomençar a vida nesta metrópole paulistana, recebi a recomendação de uma formação psicanalítica no Instituto Sedes Sapientiae, aproximar-me da SBPSP, e iniciar análise, com Odilon de Mello Franco Filho!

Odilon surge como objeto sonhado e perdido logo de início. Como não poderia me receber para análise, encaminhou-me ao querido Roberto Kehdy. Perdi Odilon e ganhei Roberto, que me acompanhou docemente em meus primeiros dez anos de percurso psicanalítico em São Paulo. De Odilon, levo adiante

a apropriadíssima noção de *“rounds”*...

Circularidade, ciclos, espirais onde a cada nova rodada observamos retornos e crescimento. Jornadas onde nos afastamos de uma origem e ao mesmo tempo a reencontramos em um interminável movimento de perder, reencontrar, recontar e reconstruir uma nova etapa. *“Rounds”* representam muito bem o modo como tenho vivido meu processo de formação.

Recém-chegada na metrópole paulistana vivia momentos de grandes novidades e dolorosas renúncias. Diante de diferentes sotaques, novos e diversificados idiomas psicanalíticos, o que fazer com minhas antigas referências? Lidar com diferentes *“culturas”* requer verdadeira luta – o que adiciona mais um significativo sentido ao termo *“round”*.

Minha primeira formação psicanalítica em São Paulo ocorreu junto ao Sedes Sapientiae, acompanhada por um analista pertencente a outra instituição, a SBPSP. Bons anos mais tarde, após

importantes transformações pessoais, muitas rodadas, entre elas o nascimento de três filhos, senti-me levada a uma re-análise com Myrna Favilli. Iniciava-se mais um *round* pessoal que, anos mais tarde, conduziu-me ao desejo de uma nova formação no Instituto da SBPSP.

Falar diferentes sotaques, pertencer a diferentes lugares, gostar de idiomas estrangeiros é um de meus desafios e que me fascina, fazendo parte importante de meu processo de formação. Por esse motivo sinto-me absolutamente compreendida quando Odilon destaca a influência das características pessoais do analista no espaço simbólico onde ocorre sua formação.

Vejo que meus objetos primários, minhas origens, meus antigos mestres, e objetos identificatórios continuam comigo, fazendo com que ao longo destes *rounds* jamais tivesse vindo a nocaute. Felizmente estive muito bem acompanhada! Minhas análises foram pilares sustentadores que ocuparam lugar fundamental

em todos esses movimentos que tornaram possível a difícil integração que sem dúvida me confronta com diferenças a todo instante, mas que tem me permitido ir fazendo uma coleção de interlocutores de estimação. Objetos “perdidos” que se tornaram meus companheiros, um verdadeiro *bouquet* de autores, instituições psicanalíticas, supervisores, professores, analistas... E nesta composição, faço questão de destacar participação especial de meus colegas que percorrem esta jornada a meu lado, ocupando valioso lugar de transicionalidade nesses reviveres edípicos, e tornando-se parte valiosa de meu percurso individual.

Assim, a partir desta característica pessoal que permeia meu “espaço sim-

bólico de formação”, elejo como característica de minha experiência atual no Instituto da SBPSP a riquíssima possibilidade de fazermos escolhas pessoais acompanhando nossos próprios movimentos identificatórios. No Instituto Durval Marcondes, ao lado dos cursos obrigatórios podemos escolher livremente supervisores, seminários, coordenadores e temas de interesse, permitindo que a experiência de formação se torne uma composição original.

Admiro a diversidade dos idiomas psicanalíticos como característica marcante e enriquecedora dessa instituição, o que me faz sentir-me ‘em casa’.

Agradeço a FEBRAPSI NOTÍCIAS a oportunidade de mais um fecundo *round*

na espiral de minha história, nesta conversa com meus “odilons”, objetos para sempre sonhados, perdidos, e docemente reencontrados.



Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)



LUCIANO ANTUNES F. SOUSA

Por que a Psicanálise? O que nos move em direção a uma formação que nunca se pode dizer completa ou finalizada? O que motiva a nos dedicarmos a um ofício vivenciado, por vezes, como impossível? Tais me parecem os enigmas do analista, as perguntas com as quais, de um modo ou de outro, nos defrontamos no decorrer de uma formação psicanalítica ou em nosso fazer diário. Winnicott uma vez escreveu: “ao fazer psicanálise, o meu objetivo é manter-me vivo, manter-me bem, manter-me acordado. Meu objetivo é ser eu mesmo e me comportar como tal.” Freud, em maio de 1910, escreve a Pfister dizendo que “para se fazer alguma coisa que valha a pena é preciso ser sem escrúpulos, expor-se, arriscar-se, trair-se, comportar-se como o artista que compra tintas com o dinheiro da casa e queima os móveis para que a modelo não sinta frio; sem algumas dessas ações criminosas, de fato, não se pode fazer nada direito”.

Oriundo das Humanidades e após quase cinco anos de formação no Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo, em Brasília, arrisco-me a dizer que

o desejo do analista ao fazer psicanálise talvez possa ser pensado como uma tentativa de passar a perna no tempo. Ao aceitarmos o convite que nos é feito para entrar no universo particular de quem topa deitar-se e fazer confidências, de algum modo, extrapolamos os limites de uma singular existência; vivemos, ilusoriamente, mais de uma vida. O Eu se forma em algum lugar de solidão, contudo na presença do outro, pensava Winnicott. Encontro-me analista talvez no desvio que passa pelo outro (do analisando, da formação).

Não penso que se nasça analista, como Mozart talvez já tenha nascido compositor. Talvez seja um pouco mais complicado e menos genético que isso. A comparação não está para a de um bom vinho que, dadas às condições adequadas de temperatura e armazenamento, com o tempo melhora seu sabor “naturalmente”. A meu ver, a formação em psicanálise se dá num processo que tem muito pouco de natural, é antes feito de inevitáveis tropeços e retomadas. É um ofício de fazer constante, por vezes quase tão frustrante e permanentemente incompleto quanto o de Sísifo, que en-

ganhou a morte por duas vezes, mas não pôde fugir de seu destino.

Desconfio que discorra sobre o óbvio, mas, para mim, o colorido da prática cotidiana no consultório se mostrou, em muito, diferente da letra impressa nos livros e artigos psicanalíticos. Nessa perspectiva, penso que a ênfase no âmbito clínico que vivenciei em meu Instituto teve um papel fundamental em minha formação. Ainda mais significativa, sua tradicional abertura para receber os ditos “leigos” interessados na formação psicanalítica contribuiu para um enriquecimento das discussões e proporcionou pensar o campo analítico por vieses mais abrangentes, sem perder de vista a especificidade que caracteriza a Psicanálise enquanto área singular do pensamento. Particularmente no Instituto a que pertenço, penso que essa característica tem raízes profundas em sua fundação, ou melhor, em sua fundadora: Virgínia Bicudo era socióloga, uma das primeiras professoras universitárias negras na USP e a primeira psicanalista não médica no Brasil. A abertura ao diferente, ao que pertence ao campo do estranho e, portanto, do que não é o Eu,

talvez tenha deixado marcas profundas.

A dinâmica institucional, povoada de todas as inevitáveis paixões humanas, é vivida intensamente no decorrer dos anos de formação. Na análise pessoal, nos seminários e supervisões, nos relatórios clínicos; em paralelo a todos esses rituais de passagem que têm uma importante função simbólica, há sempre que se

atentar para o risco do burocrático que ameaça obscurecer o que de verdadeiro a meu ver a prática analítica e a formação buscam alcançar – um encontro com a singularidade de cada analista, mas que só pode acontecer através de um desvio pelo outro. Agradeço a FEBRAPSI pela iniciativa de dar voz às diversidades das formações feitas no Brasil.

NYVIA SOUSA

A formação analítica, caracterizada pelo tripé clássico, é o dispositivo que nos habilita para o exercício desta profissão, dita impossível. Porém, dentro dessa estrutura consagrada, o que contribuiria para nos tornarmos psicanalistas? Esta, me parece ser a questão proposta pelo FEBRAPSI NOTÍCIAS, através do instigante convite de sua Editora, Nilde Parada Franch, a qual agradeço muitíssimo.

Ao receber e aceitar o convite, em um misto de contentamento e medo, relembro um trabalho realizado no primeiro ano da minha formação. Onde coloco meu divã? Um lugar/espço em formação, e novamente me pergunto o que nos leva a esta profissão, quais ferramentas necessitamos para exercê-la, como encontrá-las ou onde forjá-las? Afinal de que lugar/espço estamos falando? Enfim: - Onde coloco meu divã?

Através dessa pergunta, em forma de metáfora, refiro-me ao divã pessoal do candidato, a identidade psicanalítica no início da formação, caracterizando-o como receptáculo e continente das demandas emocionais do paciente, mas também o lugar de desenvolvimento da identidade analítica. Em outras palavras, a meu ver o espaço para o divã se constrói no divã, em qualquer que seja a posição ocupada, quer como analisando, quer como analista.

Porém, formar uma identidade analítica é uma tarefa árdua, demorada, algumas vezes artesanal, outras quase artística, de se apropriar, criar e manter esse lugar/espço percebido como em permanente transformação. Ampliamos

essa percepção a cada passo, mesmo quando ainda não sabemos exatamente em qual direção nos levará.

É dentro desta concepção que me pergunto onde me apóio ao propor o início de uma análise, ou quando, rompendo o silêncio - ainda que cheio de palavras - de uma sessão, decido intervir. Dito de outra forma, o que sustenta meus passos na quase bravata de me inserir no estranho mundo de outra pessoa é também uma questão de fé, nos termos de Bion. A meu ver, trata-se de um ato de fé nos preceitos fundantes da psicanálise.

Porém, inovações importantes surgiram ao longo do tempo na teoria da técnica psicanalítica, especialmente para dar conta da transposição do intrapsíquico para o intersubjetivo, objeto de estudo e trabalho da psicanálise contemporânea. A ampliação do conceito de contratransferência, a partir dos trabalhos de Heimann e Racker, e a teorização a respeito do campo analítico dos Baranger, apenas para citar alguns exemplos, representam modificações paradigmáticas que resultam em um impacto de proporções significativas na nossa formação. Especialmente em um Instituto que proporciona o contato com uma pluralidade de conceitos.

Acredito que é na vida institucional, seja científica, representativa ou social, que nos deparamos com o maior choque de ideias, costumes, tradições e modismos, e este fato me parece imprescindível, ao mesmo tempo que demanda autoconhecimento e crescimento pessoal, para que



Sociedade Psicanalítica de Brasília (SPB)



possamos tirar proveito dessa diversidade.

Para cada novo candidato que ingressa em um Instituto, cada novo par analista/analisando que se forma, a partir desse encontro sui generis, toda tradição é novamente transmitida e também renovada, através de uma parcela de invenção, de criação, necessária a meu ver para a formação de um novo analista.

E por último, mas não menos importante, considero imprescindível na construção de nossa identidade a ampliação da participação do aspirante a analista na vida institucional, quer através das representações locais, nacionais e internacionais de candidatos, quer através da representação formal dentro do próprio instituto/sociedade psicanalítica.

Desta forma fortalecemos nossos vínculos, através das experiências compartilhadas, e construímos de maneira um pouco mais sólida os alicerces de nossa identidade psicanalítica, que acredito sustentará nossos passos ao longo deste interminável percurso profissional.



Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)



O COTIDIANO TRAUMÁTICO

LEOPOLD NOSEK

Quando caminho e o Sol está atrás de mim, a sombra que vejo à minha frente é a de um jovem. “Até que não estou tão mal!”, consolo-me. Se eu ainda fosse jovem mesmo, é provável que não me preocuparia com o que a sombra revela a meu respeito, mas o meu presente me é obscuro e eu me assombro com a impossibilidade de lhe dar uma representação apropriada. Se o Sol está à minha frente, não vejo a sombra. É como eu se não tivesse tido tempo de elaborar minha atualidade, minha circunstância. Caminho na companhia de um espectro ultrapassado.

Thomas Mann, na *Montanha Mágica*, diz que a ampolheta representa bem o nosso tempo vital. Na parte de cima ela guarda o estoque de vida; embaixo, a experiência acumulada. Quando a areia está terminando de escorrer, achamos que o estoque de vida se esgota vertiginosamente — ainda que por aquele estreito orifício passe sempre a mesma quantidade de areia —, porém mal percebemos a experiência se acumular. Expressão dessa temporalidade tão angustiante, as ampolhetas sobreviveram apenas como itens de colecionador.

Agora evoco Proust, que no seu *Em Busca do Tempo Perdido* escreve de um modo maravilhoso sobre a rotineira passagem da vigília para o sono e deste para o despertar. Vemos como o espírito caminha por um intrincado trajeto de memórias para tornar familiar o novo esta-

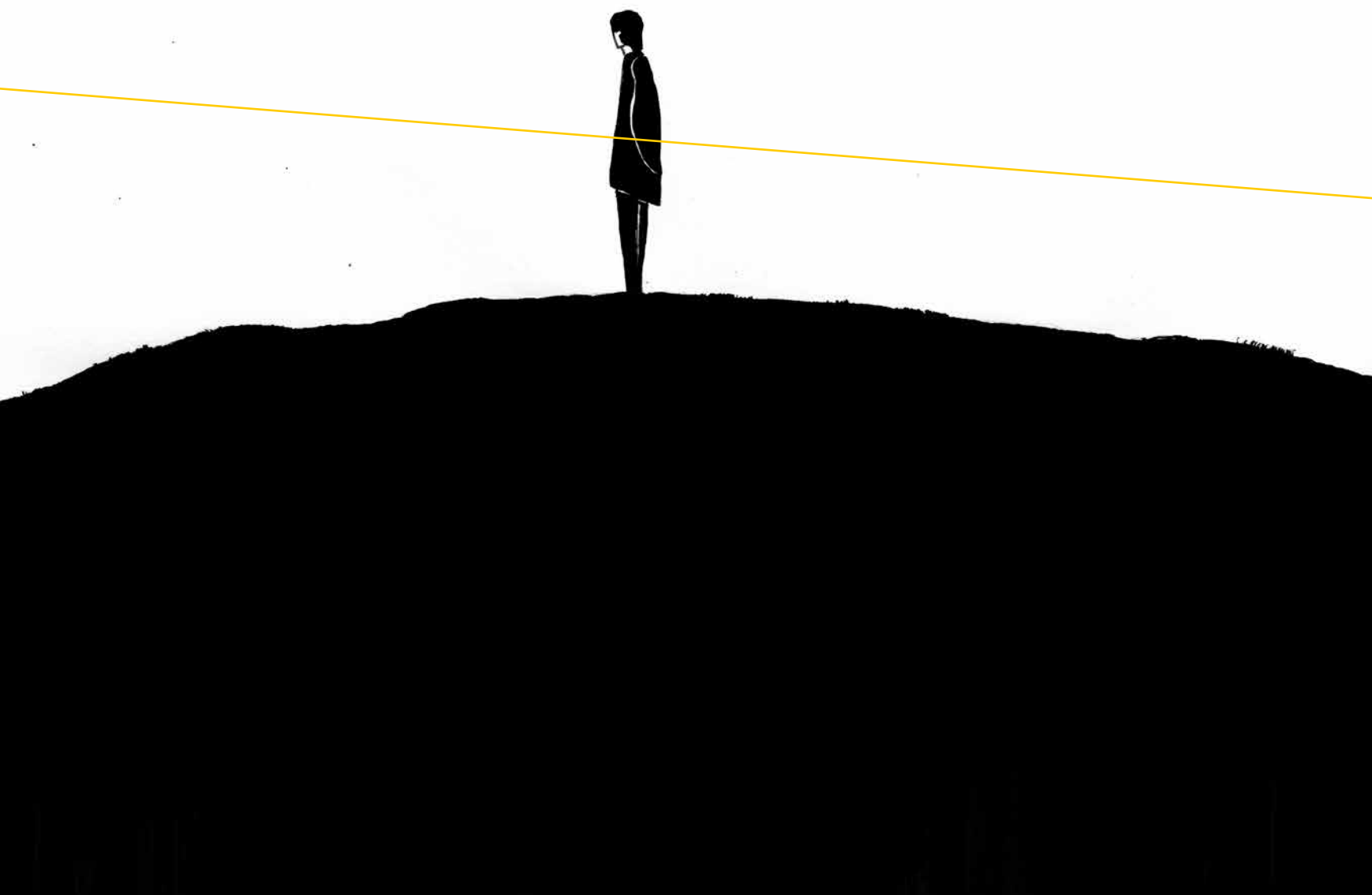
do de alma. Constatamos ser inevitável criar o hábito e que o hábito não basta: podemos sempre fracassar na tentativa de conciliar o sono.

Minha sombra, as ampolhetas e Proust me levam ao traumático. Nas *Conferências Introdutórias*, Freud se refere a algo que ultrapassa a possibilidade de elaboração, o que nos remete ao conceito de excesso, àquele “sem forma” que se espalha pela mente, criando distúrbios que aparecerão na situação clínica como ação ou transferência. Em princípio, dependendo da possibilidade de se atribuir uma ideia de tamanho e intensidade aos estímulos, qualquer experiência, qualquer fato da vida pode adquirir um caráter traumático. O amor pode ser traumático. A própria vida psíquica pode se construir por um excesso, que nesse caso será ininterrupto. Somos seres que perdemos o paraíso das condutas instintivas. Para amar, precisamos das canções de amor, do acervo da cultura. Mas, repetida em demasia, uma canção perde sentido. As feições dos sentimentos não cabem numa representação simbólica fixa, exigem reconstrução. Será permanente a oscilação entre o estoque de memórias e a insuficiência delas, isto é, oscilaremos permanentemente entre o neurótico e o traumático.

Essas considerações me deixam desconfortável com a expressão “sociedades pós-traumáticas”. Nasci em 1947, na Polô-

nia. No meu registro mais antigo apareço num carrinho de bebê, tendo ao fundo uma cidade destruída — imagem comum a toda uma geração europeia —, e, sendo da geração *baby boomer*, descrevo uma maturidade vivida em meio à chamada globalização, o conjunto de transformações econômicas, políticas e tecnológicas que testemunhamos a partir dos anos 80. A rigor, então, não houve para mim um tempo social que se diria não traumático. Sinto-me confortável, por outro lado, com a ideia de Adorno e Horkheimer de que o pensamento se move para enfrentar um perigo ao qual as categorias usuais de compreensão não oferecem resposta. O movimento surge da insuficiência das memórias ou do fracasso da solução neurótica. Nessa linha, como postulou Laplanche, o traumático é constitutivo da experiência cotidiana e é também motor da construção da mente.

Aspecto crucial da *modernidade tardia*, a velocidade das mudanças determina uma contínua adaptação a novos produtos e novas práticas. Se antes havia o espaço de uma geração para realizar as adaptações e se uma geração, presa a seu hábito, via a seguinte como ilógica, hoje as incompreensões afetam os membros da mesma geração. Mas longe de mim imaginar que nossos predecessores encontraram soluções melhores do que as nossas. Além do mais, nostalgia do passado ou visões de um futuro utópico de



nada serviriam, pois carecemos é de expediente para o atual. A velocidade escamoteou de nós o tempo para construir os sentidos e o acervo onírico que amparem a sobrevivência no presente.

Como corolário, as patologias ditas atuais nos propõem um novo desafio conceitual e técnico: bulimia, anorexia e outros distúrbios alimentares, pânico, patologias narcísicas, patologias borderline se caracterizam por uma desconcertante pobreza de discurso. Aonde terá ido parar a afirmativa de Freud de que os sintomas são maravilhosas construções estéticas? Para essas mentes de construção tão precária, a vida se torna agudamente traumática no cotidiano. Viver se torna excessivo. Em vez de um mundo de fantasias a reconhecer, temos então um psiquismo por construir.

Faltam-nos narrativas pessoais para o atual — narrativas, sublinho, que dependem das nossas memórias e do acervo

cultural que herdamos. Em *A invenção do Humano*, Harold Bloom sustenta que, mais do que qualquer autor anterior ou posterior, incluindo os filósofos, é Shakespeare quem alimenta o nosso repertório ético e moral. As personagens shakespearianas moldam a nossa invenção, as figuras dos nossos sonhos, assim como o fazem o Javé do Gênesis, o Jesus do Evangelho de Marcos e o Alá do Alcorão.

A propósito da utilização desse acervo, cito Durkheim via Bauman: “*Deus existe exatamente como todos os fatos sociais: [...] não pode desaparecer ou aparecer em função do nosso desejo [...]. Deus existirá enquanto existir a incerteza existencial humana, e isso quer dizer para sempre*”. Deus é um expediente para tentarmos superar a inevitável desproporção entre as demandas que o espírito deve enfrentar e os recursos de que dispõe. No plano individual, sua insuficiência em relação ao assédio das demandas nos põe face a face com o trau-

mático. No plano coletivo, o traumático adquire a forma, por exemplo, de distopias e malformações religiosas, de todo tipo de fundamentalismo ideológico.

Em 1923, com a segunda tópica, Freud postulou uma área do inconsciente que não seria recalcada, mas constituiria como que um psiquismo por construir, postulação que, a meu ver, só viria a ser devidamente explorada nos anos 1970, com Bion, Green e outros que refletiram sobre os intrincados caminhos do “ainda não psíquico”. No trabalho analítico, continuaremos sempre a ser *intérpretes* de sonhos, mas creio que hoje somos chamados muito mais agudamente para o papel de *construtores* de sonhos que deem conta do cotidiano.

Segundo uma clássica formulação kantiana, nós vemos a realidade através de lentes que operam como organizadores da experiência. Para Kant, que se baseava na física de sua época, essas lentes eram o

conhecimento *a priori* de tempo e espaço, conhecimento que precedia a intuição e a ordenava. Hoje, espaço não é mais um conhecimento apriorístico. No nosso caso, deriva do trabalho psíquico associado à ideia do lugar onde se encontra o objeto do afeto. Implica reconhecimento do objeto e aceitação de sua ausência, nos termos de Bion. A ideia de *tempo*, por sua vez, associa-se à percepção da alternância entre repetição e variação. Quais seriam então os nossos *a priori*?

Uma resposta vem da afirmativa de Freud de que o ego é corporal. O corpo entra na mente por intermédio das pulsões, que se organizam como conteúdos psíquicos. A exemplo das memórias, os modos sexuais (oral, anal, genital) vão operar como organizadores da experiência atual. Nosso modo tradicional de trabalhar as memórias equivaleria de fato a regular essas lentes. Em outra ocasião, propus que a função de ligação e de construção de sentido vem da possibilidade de uma posição genital psíquica bem elaborada. O sentido, que aparecerá como centelha, surge no interior das relações mediante a construção e destruição de ligações entre intuições sensíveis e memórias. Como regra, sofreremos da mesma impossibilidade dos educadores: o propósito pedagógico se fará olhando para trás, projetando o passado no futuro. Como educar para o hoje?

Num ensaio famoso, Agamben nos diz: “Contemporâneo é quem mantém o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”. Pertencer a seu tempo implica um deslocamento, um anacronismo. Ser contemporâneo é “ser pontual num compromisso quando se poderia simplesmente faltar”. O escuro não é a ausência das luzes; é, sim, a presença do obscuro. Agamben nos ajuda a compreender Jorge Luis Borges, que dizia que o cego vive sob uma permanente luz azul acinzentada e que anseia pelo escuro — não há como apagar essa luz que nada vê. Em termos neurofisiológicos, o escuro é um tipo particular de visão que resulta da atividade das *off-cells* na peri-

feria da retina, e assim, como recepção ativa, pode ser excesso, pode muito bem pertencer ao campo do traumático.

O contemporâneo se vincula ao passado — ao arcaico, ao próximo da *arché*, da origem — não como *ultrapassado*, mas como *embrionário*. O embrião não cessa de agir no organismo maduro, como alicerce invisível do presente. Trauma e neurose têm de ser vistos nesta tensão dialética: ao mesmo tempo em que as memórias obscurecem o presente, elas são o presente, são o filtro através do qual nossa visão se constitui, e, em sua fragmentação, são matéria-prima para a construção do novo. O presente é excesso e, portanto, escuro. A possibilidade de decifrar o excesso implica a firme disposição de *investi-lo de autoria*. Aí a *coragem*, raramente lembrada entre as qualidades psíquicas desejáveis.

Por fim, evoco a famosa passagem em que Benjamin interpreta o *Angelus Novus* de Paul Klee como o Anjo da História. De olhos “arregalados”, boca aberta, rosto “voltado para o passado”, ele “parece querer afastar-se” do que vê. “Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos”, diz Benjamin, o anjo enxerga “uma catástrofe única” que produz uma montanha de ruínas. Ele gostaria de “acordar os mortos” e colar os cacos, mas uma tempestade que “sopra do paraíso [...] o empurra irresistivelmente para o futuro, para o qual ele está de costas, enquanto as ruínas se amontoam até o céu”. Essa tempestade “é o que chamamos progresso”.

Quero crer que o espírito dessa alegoria permeia o que vim dizendo aqui. O futuro — melhor: o presente — é inescrutável. Nosso olhar vê o passado, que se constitui inevitavelmente daquilo que já não é, de restos diurnos, de trajetos de memória, ruínas que são a matéria-prima dos sonhos e do pensamento. É com elas que contamos para tentar figurar o chão em que daremos o próximo passo. (Antes será preciso fazer seu luto — e não nos sentiremos melancólicos, mas nostálgicos.) Situo nesse território o perpétuo movimento entre memórias e figuração do atual, entre neurose e trauma. Nós nos

aferramos ao hábito e tentamos defendê-lo contra os estrangeiros que avançam do mundo, do nosso corpo, do nosso espírito. Da nossa fortaleza arruinada, algo pode se iluminar em meio à tempestade. À revelia, damos um passo à frente — e às vezes isso será um progresso.

Tomar o trauma como ocorrência excepcional em paragens e tempos remotos pode levar ao duvidoso terreno da bondade. Faz parte da grandeza da psicanálise instalar no cotidiano o que uma vez se identificou em situações extremas. No percurso que, com nossos pacientes, fazemos pelos abismos e pela grandiosidade da existência humana, é imprescindível ter em mente, como ensina Lévinas, que a ética precede a ontologia. Ser ético, longe de se traduzir em gestos de bondade, significa submeter-se ao domínio do estrangeiro, aprender seu idioma, e não domesticá-lo no nosso. Nossa ética precederá a técnica: nossa escuta será uma permanente disposição para nos deixarmos traumatizar pelo estranho. Como nas religiões, *cabe-nos preservar o infinito da alteridade*. Definir o infinito ou a alteridade os destruirá. Em vez de almejar capturar conhecimentos, trata-se, pois, de ansiar pelo infinito do outro, de cultivar o *anseio metafísico* (Lévinas) — o anseio metapsicológico. Susto e espanto serão então a marca da nossa presença na sala de análise.



Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)



ANA PAULA TERRA MACHADO / CONSELHO PROFISSIONAL

Participar de uma Diretoria da FEBRAPSI é uma experiência valiosa e, nesta gestão, trabalhamos de forma integrada e cooperativa nos projetos estabelecidos para este biênio.

Dentre as atribuições do Conselho Profissional está a participação no Movimento Articulação, do qual a FEBRAPSI é uma das Instituições idealizadoras e tem participação ativa desde sua criação.

Neste período houve o acompanhamento das ações legais impetradas pelas Instituições que compõem a Articulação para coibir o avanço de grupos que oferecem formação analítica sem considerar os parâmetros mínimos de uma formação, embora seja indiscutível a dificuldade inerente a essa situação, na medida em que no Brasil a psicanálise não é uma profissão regulamentada.

Mas, a grande ênfase do trabalho foi

o empenho das Entidades do Movimento para defender a manutenção da psicanálise como prática válida e eficaz na saúde pública, especialmente no que se refere ao autismo. Essa mobilização, junto com outras instituições, conseguiu revogar o edital da Secretária da Saúde do Estado de São Paulo que desconsiderava a prática psicanalítica como uma das abordagens para o tratamento do autismo.

Trabalhamos ainda para que fosse vetado o ato médico, o que foi alcançado com êxito. Essas ações visam salvaguardar o exercício da psicanálise e permitir que as Instituições, no nosso caso as Federadas, mantenham sua autonomia de critérios, pois a formação nas Sociedades que integram a FEBRAPSI é aberta para médicos, psicólogos e, em algumas Federadas também para profissionais oriundos de outros cursos acadêmicos.

Ser membro desta Diretoria foi uma honra e gostaria de agradecer a oportunidade de trabalhar com Gleda Brandão Araújo, nossa Presidente, e agradecer a todos os colegas da Diretoria pela cordialidade que marcou o convívio entre os membros desta gestão.



Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPBdePA)



ANETTE BLAYA LUZ / RELAÇÕES EXTERIORES

Satisfeitos com o sucesso conquistado pelo XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise da Febrapsi, e ainda inebriados com a repercussão desse sucesso, estamos agora nos preparando para a dolorosa despedida que precisamos enfrentar dia 30 de novembro, quando entregaremos nossos cargos à futura diretoria da FEBRAPSI.

A experiência de fazer parte da diretoria da FEBRAPSI, agora pela segunda vez, é única e muito enriquecedora. A oportunidade de visitar quase todos os rincões psicanalíticos deste Brasil e conhecer colegas das mais variadas latitudes e orientações teóricas é transformadora.

Durante esta gestão, como responsável pela diretoria de Relações Exteriores me foi possível travar conhecimento e aproximar da FEBRAPSI diferentes organizações que estudam psicanálise. Temos no momento algumas dessas ins-

tituições se preparando para ingressar, através de diferentes sociedades-mãe, nos quadros societários da FEBRAPSI.

Como parte da tarefa da diretoria que eu representava dentro da FEBRAPSI foi importante nossa contribuição para o Congresso da FEPAL, que ano passado aconteceu no Brasil, em São Paulo, e também se constituiu num grande sucesso.

Além desse tipo de atividade, foi-me atribuído outro: servir de elo de ligação e transmissão de memórias e informações entre a Diretoria passada, liderada por Leonardo Francischelli e a atual, dirigida por Gleda Brandão Araújo. A passagem e continuidade de algumas tarefas e compromissos ficaram, desta forma, facilitadas e bem mais suavizadas.

Trabalhar na FEBRAPSI e pela FEBRAPSI é uma honra e a bagagem que proporciona é única. Despeço-me com a convicção de ter contribuído da melhor forma possível. Levo no coração todos

os amigos que fiz e que agora irão deixar saudades. Agradeço à Gleda por esta grande oportunidade.

Desejo muito sucesso à próxima gestão e que possam realizar a tarefa com precisão, competência e alegria. É bastante trabalhoso, mas muito divertido também.

Abraços a todos.



Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)



Finalizar as atividades como diretora da FEBRAPSI nos faz pensar no trajeto percorrido durante a gestão. O convite para a função de tesoureira inicialmente assustou-me, pois moro distante da sede no Rio de Janeiro e de todos os demais centros, mas principalmente da sede.

Devo ressaltar que recebemos uma instituição com saúde financeira invejável, inestimável presente do trabalho das diretorias anteriores, merecedoras de nossos agradecimentos.

Logo o susto se transformou em prazer pelo convívio com colegas de distintas regiões de nosso país, num esforço de colaboração para pensar a FEBRAPSI como pertencendo a todos nós. O trabalho da Federação junto à suas federadas e extensões me permitiu comprovar o alcance da psicanálise brasileira, o que foi brilhantemente demonstrado no XXIV Congresso Brasileiro, realizado em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Nosso Congresso foi um sucesso científico, financeiro e afetivo! Trabalho árduo de todos os colegas, extremamente gratificante para mim.

Não posso deixar de agradecer a generosidade de Lúcia Boggiss que, independentemente de seu desejo de aposentadoria, seguiu nos assessorando financeiramente até a contratação do Gerente Administrativo Financeiro, Karel Ublo. Também agradeço às nossas secretárias Renata Lang e Júlia Laska Ferreira, pelo comprometimento com a tarefa e pelo carinho que sempre me demonstraram, encaminhando os relatórios e balancetes para que pudessem ser lidos e discutidos nas nossas reuniões, e sanando minhas dúvidas.

O trabalho da tesouraria acompanhou um dos objetivos da gestão, para a necessária profissionalização da administração da FEBRAPSI, contratando um gerente, além de outras consulto-

rias específicas.

Desta maneira, agradeço aos colegas membros das Federadas, pela confiança demonstrada, aos amigos do Conselho Diretor que me apoiaram em todos os momentos, e à nossa querida presidente Gleda Brandão pela oportunidade oferecida quando gentilmente me convidou para o cargo de tesoureira.

Um grande abraço .



Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel)



SILVIA HELENA HEIMBURGER / SECRETÁRIA GERAL

Após dois anos como secretaria geral do Conselho Diretor da FEBRAPSI, quero destacar uma das atividades em que mais me empenhei, entre as competências do cargo que constam do artigo 33 do Estatuto: o registro em ata das reuniões mensais do Conselho Diretor, semestrais da Assembleia de Delegados e anuais do Conselho de Presidentes, do Conselho profissional e dos Diretores de Instituto.

Escrever uma ata não é escrevê-la segundo o estilo preferido de quem a redige, e sua leitura muito menos. Porém, os presentes às reuniões querem que suas ideias estejam corretamente registradas! Por isso tentei ser fiel a tudo que se passava nas reuniões, e fui aprendendo a ser mais sintética e a sublinhar as decisões tomadas.

As atas servem para esclarecer dúvidas e fazem parte do acervo da memória das instituições. Podem ser muito úteis, haja vista o livro As Controvérsias

Freud-Klein 1941-45, escrito a partir das atas das reuniões executivas e das discussões científicas da Sociedade Britânica de Psicanálise.

Foram muitas reuniões, e participações em eventos científicos nas sociedades, grupos de estudo e núcleos. A realização do XXIV Congresso Brasileiro nos deu muito trabalho e preocupações, e depois a alegria com seu sucesso de “crítica e público”.

Quero também realçar o fato de os membros do Conselho Diretor terem conseguido trabalhar bem juntos, respeitando as diferenças de cada um, com a liderança firme e enorme capacidade de trabalho da nossa querida presidente Gleda Araújo, a quem novamente agradeço o convite para participar desta gestão, com o apoio de minha sociedade, a SPB.

Sou grata ao trabalho inestimável do antigo *staff* da FEBRAPSI: Renata Lang, Julia Laska, Lúcia Boggiss, Fernando

Rego e a Karel Ublo, novo gerente da sede, contratado visando a uma melhor administração da federação.

Enfim, foi uma experiência em que aprendi bastante, conheci melhor a psicanálise brasileira. Deixa saudades.



Sociedade Psicanalítica de Brasília (SPB)



A equipe da *Revista Brasileira de Psicanálise* procurou ao longo destes dois anos dar sequência a seu projeto editorial de aliar criatividade ao alto nível dos trabalhos publicados. Apresentamos temas da atualidade psicanalítica de interesse dos nossos leitores e presentes no campo de reflexão e debate no Brasil e no cenário psicanalítico internacional. Os números temáticos favoreceram discussões e aprofundamentos, além de estimularem a produção científica e a divulgação das propostas dos congressos: Brasileiro de Psicanálise, da FEPAL (Federación Psicoanalítica de América Latina) e da IPA (*International Psychoanalytical Association*).

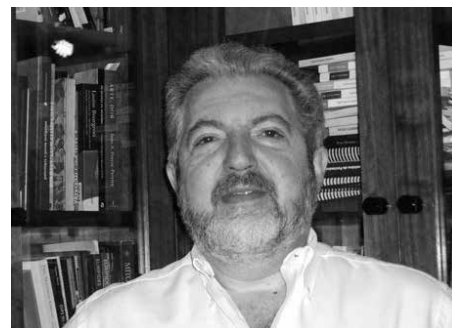
De modo complementar, propusemos mesas redondas nos diferentes congressos voltadas para temáticas afins: escrita em psicanálise, escrita da clínica, questões éticas envolvidas na publicação de material clínico e sua repercussão no atual universo digital. São temas centrais para o futuro de nossas publicações e de nosso campo; envolvem a divulga-

ção do conhecimento psicanalítico e contribuem para a formação de novos analistas. A presença entusiástica de muitos colegas e equipes editoriais das várias revistas de psicanálise no Brasil e na América Latina testemunham a importância deste espaço que a RBP vem criando para o debate e a interlocução.

Ampliamos nosso Conselho Consultivo com nomes de destaque nacional e internacional que contribuíram significativamente para a psicanálise e a cultura. Sem perder de vista a divulgação da psicanálise pela FEBRAPSI em nosso país, estivemos presentes na maioria dos eventos promovidos por nossas federações, Grupos de Estudos e Núcleos, aumentando significativamente o número de assinantes externos de nossa revista. Instituímos o *Prêmio Revista Brasileira de Psicanálise*, que tem como objetivo estimular e reconhecer os bons trabalhos vinculados à temática do Congresso da FEBRAPSI. Agradecemos o apoio e incentivo de todos os editores regionais e

do Conselho Diretor da FEBRAPSI para esta iniciativa.

Uma revista dinâmica, criativa e atual se faz com a contribuição dos autores e leitores, com o trabalho incansável de sua equipe editorial, pareceristas, editores regionais, revisores, diagramadores e secretaria, assim como pela excelente parceria e apoio do Conselho Diretor e dos presidentes e delegados da FEBRAPSI. A todos, mais uma vez, nossa gratidão.



Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)



SERGIO ANTONIO CYRINO DA COSTA / DIRETORIA ADMINISTRATIVA

Foram dois anos de trabalho vitalizante e profícuo, marcado pela forte união entre os elementos do grupo diretor. As secretárias Renata e Júlia tiveram um desempenho fundamental, de entrega incansável aos encargos a elas destinados. Tivemos, próxima ao final da gestão, uma feliz e inovadora transformação no funcionamento da instituição, que foi a contratação de um gerente, Karel Ublo, de modo a fortalecer a estruturação administrativa e financeira, e promover in-

tegração ainda maior entre a atual equipe diretora e a seguinte, que tomará posse em novembro próximo.

O papel do diretor superintendente, como sempre, é o de representar o Presidente na sede da FEBRAPSI, no Rio de Janeiro, atuando como elo administrativo local. Além disso, deve estar presente em praticamente todos os eventos e reuniões, integrando a Diretoria em suas discussões e decisões, o que realmente ocorreu.



Associação Psicanalítica do Rio de Janeiro - APERJ - Rio 4



Devo dizer que para mim a participação no conselho diretor da FEBRAPSI, presidido pela colega de Campo Grande, Gleda B. Araújo foi um movimento intelectual singular.

Foi muito bom poder trabalhar com colegas de vários horizontes, “tribos” distintas, e sobretudo o prazer de estar em contato com a psicanálise praticada em nossa federadas, nesta nossa área profissional, que nos exige a todos um modo muito intenso da atividade do pensar.

Enquanto C.D. estivemos em São Paulo e Rio de Janeiro várias vezes, assim como também em Campo Grande, Macaíó, Fortaleza, Belo Horizonte, Uberaba, Porto Alegre, Brasília e Aracaju.

Como diretor científico da FEBRAPSI tenho agora a impressão de que todos estão tentando, cada um a seu modo, aprimorar seus respectivos modos de funcionar. Parece-me que a questão fundamental, que se encontra em todos

esses lugares, tem a ver com a formação psicanalítica e suas variáveis.

Conseguimos organizar um congresso cujo tema, Ser Contemporâneo: Medo e Paixão, foi exaustivamente debatido com os diretores científicos das nossas federadas e acredito que conseguimos realizar uma atividade de bom nível científico num excelente convívio dos colegas participantes.

Creio que conseguimos funcionar neste Conselho Diretor da FEBRAPSI como um grupo psicanalítico, reproduzindo, em suas mais variadas modalidades, o modelo de uma cura psicanalítica.

Como ouvimos uma narrativa clínica? A partir de quais pressupostos dialogamos com os nossos colegas?

Acho que estamos todos de acordo em dialogar com colegas psicanalistas e não psicanalistas, num campo no qual a alteridade é a marca distintiva, em contraposição a qualquer homogeneização

doutrinária.

A noção de limites nos mostra que toda a problemática do homem contemporâneo gira em torno da busca, de querermos ultrapassar os limites, quer sejam aqueles da informação, da ciência, ou das artes.

O meu muito obrigado a todos os colegas que participaram comigo nesta aventura de fazer parte de um CD da FEBRAPSI.



Associação Psicanalítica do Rio de Janeiro - APERJ - Rio 4



DANIEL DELOUYA / SECRETÁRIO DO D.C

O convívio junto à diretoria da FEBRAPSI foi uma experiência singular. A condução da diretoria pela presidente Gleda G. Araujo tornando-nos parceiros dos temas e assuntos, dos administrativos aos científicos, foi fundamental para a geração de laços de trabalho e amizade, e de um grupo humano digno da história que realizou. Acrescentou-se à riqueza do convívio no grupo, o contato duplo, com a psicanálise brasileira – nas suas diferentes propostas de formação, no exercício e na produção escrita da psicanálise – e com suas inserções regionais e culturais. Por fim, minha colaboração específica na diretoria científica engajou-nos na empreitada laboriosa e gratificante da organização e montagem do congresso. Os trabalhos preparatórios junto às Federadas, realizando jornadas e simpósios em torno do tema do congresso, muito contribuíram para conso-

lidar significativamente a interlocução científica entre os membros das federadas, culminando na viabilidade científica do congresso brasileiro. A colaboração e disponibilidade dos diretores científicos das federadas, de seus presidentes e membros foram imprescindíveis para a realização do Congresso. Não tenho dúvida que nesse aspecto contribuímos de modo importante para a psicanálise no Brasil, propiciando interlocução e reflexão sobre modos de praticá-la e de nos comunicarmos acerca dela.

Nesse processo tornamo-nos conscientes da importância da abertura da FEBRAPSI para colegas não filiados à IPA, levando-os em conta tanto nos meios de divulgação, como na promoção de eventos abertos pelas federadas e no convite para o congresso. Os jovens interessados na psicanálise que representamos – em nosso trabalho e em nossa

participação na cultura – nos animam quanto ao futuro da FEBRAPSI no Brasil e na América Latina. Ao mesmo tempo, o tema do Congresso e a palestra de abertura de um jovem filósofo nos mostraram a necessidade de diálogo permanente com outras áreas do saber que alimentam a reflexão sobre o nosso fazer e nossa posição na cultura.



Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo [SBPSP]



1

43

GIORGIO AGAMBEN, O CONTEMPORÂNEO EXTEMPORÂNEO

PEDRO DUARTE

O que significa ser contemporâneo? Estranhamente, chamamos nossa época de contemporânea. É estranho pois toda época é, em princípio, contemporânea de si: está com seu próprio tempo, junto ao seu tempo. Logo, deveríamos perguntar o que é o contemporâneo, antes de apressadamente asseverarmos que pertencemos a ele. Foi o que fez o filósofo italiano Giorgio Agamben ao dar a um ensaio o título: *o que é o contemporâneo?* Repare-se que o próprio título é uma interrogação, uma pergunta, e não uma certeza, não um dado. Pois ser contemporâneo é sempre mais o desafio que o nosso tempo nos coloca do que a comodidade que ele nos oferece.

Pensado assim, o contemporâneo não é aquilo que define cronologicamente a nossa época atual, o momento em que nós estamos, sejam os últimos cinco ou os últimos cinquenta anos. Contemporâneo não é simplesmente o hoje, por oposição ao ontem e ao amanhã. Contemporâneo é um modo singular pelo qual o hoje entra em relação com o ontem e o amanhã, pelo qual o presente entra em contato com seu passado e com seu futuro. Contemporâneo é um *modo* de estar em sua época, e não somente o *fato* de estar nela. Eis a tese central que Agamben buscou explicitar em seu famoso ensaio de 2006 sobre o contemporâneo.

Contudo, sua reflexão sobre o tempo, na qual já estava em jogo o sentido do contemporâneo, vinha sendo elaborada já desde os anos 1970. Ele expunha, então, que o contemporâneo não é um instante presente do atual em relação ao antes do passado e ao depois do futuro, quer dizer, não é só um ponto cronológico em uma linha reta que seria o próprio tempo. É bem mais do que isso. Portanto, entender o contemporâneo exige abrir mão da concepção de tempo que governa a história do pensamento ocidental, ao menos desde Aristóteles, pois o filósofo

grego definira o tempo como número que mede o movimento conforme o antes e o depois.

Tempo seria, segundo essa concepção tradicional, o que mede o movimento no espaço, assim como quando, por exemplo, dizemos que serão necessários cinco minutos para atravessar uma ponte ou que a sessão de análise terá uma hora. Este tempo é medida. Ele é fundamental para a organização pragmática e as atividades produtivas. Sua imagem perfeita é o ponteiro do relógio, que não faz outra coisa senão medir o espaço entre um e outro ponto de uma superfície dada. Nada do que ocorre no tempo da vida interfere na sua medição. Se, às 10h42, comi um ovo frito e, às 16h15, dei um beijo pelo qual me apaixonei por uma mulher, tanto faz para o tempo do relógio. Todos os instantes são, para ele, idênticos uns aos outros.

Esse tempo é sempre reto, liso, pleno e contínuo. Os eventos se desenrolam dentro dele, mas não o alteram em nada. Ele permanece sempre o mesmo. É como se o tempo existisse antes mesmo dos acontecimentos, e estes somente entrassem nele a certa altura. É como se os acontecimentos estivessem dentro do tempo, mas o tempo não estivesse dentro dos acontecimentos. O primeiro minuto da sessão de análise, o último e o décimo-sexto seriam, nesse tempo, iguais, sem que o conteúdo e a forma do que se falava e silenciava em cada um deles tivesse qualquer diferença significativa. Para o ponteiro do relógio, são idênticos. Em suma, o contemporâneo é, aqui, apenas o ponto em que o ponteiro está agora. Nada além disso.

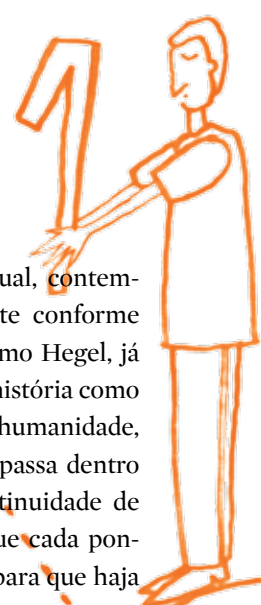
Segundo Giorgio Agamben, a forma de pensar a história na cultura ocidental obedeceu sempre a essa concepção tradicional de tempo, que ganhou expressão na fórmula aristotélica. Desde os gregos com a história cíclica, passando aos cristãos com a história linear e até os moder-

nos com a história processual, contemporâneo é o ponto presente conforme um antes e um depois. Mesmo Hegel, já no século XIX, ao pensar a história como progresso do espírito e da humanidade, imagina que tal história se passa dentro de um tempo que é a continuidade de instantes pontuais, ainda que cada ponto precise negar o anterior para que haja evolução dialética.

Como se pode perceber, esse conceito de tempo, de origem metafísica é, na verdade, compreendido a partir do espaço. Por isso, contemporâneo seria o ponto presente. Ponto é elemento espacial. Não por acaso, costumamos dizer que atrás de nós está o passado, diante de nós está o presente e à frente de nós está o futuro. É que, desde a antiguidade, subordinamos a nossa compreensão do tempo ao espaço. Foi o que o filósofo alemão Martin Heidegger diagnosticou no começo do século XX. Agamben, que foi seu aluno, explicita sua contribuição decisiva para essa crítica do conceito tradicional de tempo na cultura ocidental.

Em suma, para alcançar a contemporaneidade, seria preciso se desvencilhar do tempo homogêneo e vazio, como em 1940 o denominou Walter Benjamin, outra referência filosófica essencial para Agamben. Seria preciso experimentar, em vez disso, a heterogeneidade do tempo, ou seja, que cada instante é singular, diferente de todos os outros, justamente porque cada um dos momentos tem seu conteúdo, é preenchido – e não vazio. O primeiro minuto da sessão de análise jamais é igual ao último e nem ao décimo-sexto. Pois o tempo é heterogêneo e descontínuo, uma vez que cada minuto difere do outro, cada um tem significado próprio.

Nesse contexto, Agamben defende que, no lugar de instantes espacializados no tempo como pontos, temos átomos. Cada instante é um átomo singular, e não um ponto qualquer. Ser contemporâneo



1249

13

é estar no átimo do tempo. Este tempo não é mais cronológico, do grego *Cronos*: medida, contagem. O saber estóico ensina que há outro tempo. É *Cairós*, o momento oportuno. Ele supõe a singularidade em que o tempo se condensa num átimo, e que, se interpretado, revela o que aí se abre e se oferece, a oportunidade presente. Passamos da *cronologia* à *cairolgia*. O exemplo de Agamben é o tempo do prazer, que não pode ser medido ou contado, que não se compara a outros, pois é simplesmente incomensurável, sem medida exterior.

Interromper a cadeia contínua causal da linearidade cronológica é o que faz o prazer e também o contemporâneo. Ser contemporâneo não é coincidir com sua época perfeitamente, adequar-se a suas pretensões e valores. Quem está colado na época à qual pertence, aderido a ela, não pode vê-la. Não pode ser contemporâneo. Contemporâneo é quem apreende o tempo em que vive por não coincidir com ele, por ser anacrônico, fora da cronologia. Não se trata, é claro, de ser um passadista nostálgico, mas de pertencer a seu tempo mantendo-se crítico e despedido para ele, mantendo-se intempestivo, para empregar a categoria de Nietzsche que Agamben retoma. Digamos então: ser contemporâneo é ser extemporâneo.

Por isso, o contemporâneo mantém fixo o olhar não nas luzes de seu tempo, que ameaçariam cegá-lo, mas no escuro. Trata-se dessa dissociação pela qual urge, de dentro do presente cronológico, algo que o transforme. Revolução? Talvez sim, mas uma revolução do tempo, e não apenas do mundo que seria mudado dentro do tempo cronológico. É o próprio tempo que se revoluciona pelo contemporâneo, ou seja, pelo extemporâneo. Ser atual é ser inatual, pois é estar em desconformidade com o que já se sabe e já está dado, com o presente como ponto do agora.

Sendo assim, o contemporâneo não exclui o passado. Seu presente assinala-se

4

como arcaico. O arcaico é o passado ainda presente. O termo vem do grego *arké*, que pode ser traduzido para o português pela palavra princípio, pois não se reduz ao início cronológico de uma origem. É o que ainda governa o presente através de um devir histórico que não cessa de operar, *“como o embrião continua a agir nos tecidos do organismo maduro e a criança na vida psíquica do adulto”*, diz Agamben. O contemporâneo não seria apenas distância, mas também proximidade da origem, enquanto princípio. O contemporâneo é condensação e encontro dos tempos, e não um ponto específico da cronologia que exclui todos os outros.

Nem sempre se observa o contexto em que Agamben escreveu o seu ensaio sobre o contemporâneo. Ele é a transcrição da abertura de um seminário, em que o autor trataria de textos recentes e antigos, alguns de séculos atrás. Sua questão era como ele e os alunos podiam, no estudo, tornarem-se contemporâneos dos textos. Não bastava ser contemporâneo do recente, mas também do antigo, pois este deve ser visto como princípio arcaico que se faz presente no átimo contemporâneo. Pela profanação do tempo contínuo da cronologia, que se tornou sagrado na sociedade moderna capitalista, é que se abre outro tempo, o tempo do contemporâneo.

Giorgio Agamben, em seu pensamento e em suas ações, busca corresponder a esse desafio de ser contemporâneo sendo extemporâneo. Não se contenta com o diagnóstico da biopolítica atual, por exemplo, mas busca o seu princípio, estudando até direito romano. Inatual, faz arqueologia da história, à moda de Michel Foucault. Coerente nas ações, toma posições políticas como a recusa ao convite para lecionar na New York University, em protesto contra dispositivos de controle dos Estados Unidos sobre estrangeiros que o governo George Bush implementou em nome da segurança nacional depois dos atentados terroris-

tas de 11 de setembro de 2001. Agamben assumia, assim, um papel de intelectual público contemporâneo.

6

Não seria possível encerrar este breve texto, um resumo da conferência de abertura que fiz no XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise da Febrapsi, realizado em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, sem assinalar a centralidade da experiência poética, tanto para a filosofia de Agamben, quanto para o contemporâneo. O tempo, na poesia, não é simples cronologia contínua, homogênea e vazia. Ele é ritmo, pois o elemento musical mostra o verso como repetição e memória. Verso é ato de virar, voltar-se, retornar, ao contrário da prosa, que é reta e linear. No poema, a palavra sempre já aconteceu e sempre continua acontecendo. Infinita. Como canta Giacomo Leopardi, no poema *O infinito*, traduzido por Haroldo de Campos:

*A mim sempre foi cara esta colina
deserta e a sebe que de tantos lados
exclui o olhar do último horizonte.
Mas sentado e mirando, intermináveis
espaços longe dela e sobre-humanos
silêncios, e quietude a mais profunda,
eu no pensar me finjo; onde por pouco
não se apavora o coração. E o vento
ouço nas plantas como rufla, e aquele
infinito silêncio a esta voz
vou comparando: e me recordo o eterno,
e as mortas estações, e esta presente
e viva, e o seu rumor. É assim que nesta
imensidade afogo o pensamento:
e o meu naufrágio é doce neste mar.*



Professor de filosofia da PUC-Rio

Este texto é uma edição da entrevista concedida por Telma Barros Cavalcanti, Diretora de Difusão e Extensão do ILAP ao Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto em Agosto 2110 – Boletim nº 56

O ILAP foi originalmente estruturado como um empreendimento conjunto da IPA e da FEPAL, para promover a formação psicanalítica em países da América Latina nos quais ainda não existia uma Sociedade local afiliada à IPA e/ou Instituto. Dr. Claudio Laks Eizirik, primeiro brasileiro a exercer a função de presidente da IPA, concretizou a implantação do ILAP juntamente com o Presidente da FEPAL Dr. Álvaro Rey de Castro em 2006, cujo planejamento começara alguns anos antes por um comitê da IPA que funcionava com esse objetivo.

Para cumprir sua meta o ILAP realiza visita aos países que solicitam formação psicanalítica. A primeira visita é realizada após avaliação e aprovação das condições favoráveis ao trabalho do Instituto. A agenda da 1ª visita inclui atividades científicas em Universidades além de reuniões e entrevistas de esclarecimento e avaliação de aspirantes.

O ILAP realiza anualmente Escolas de Psicanálise (atividade de Formação e Difusão Psicanalítica) nos países nos quais desenvolve suas atividades. Durante esta atividade são entrevistados dos possíveis candidatos.

É função do Instituto instrumentalizar as condições necessárias e possíveis em cada país para o desenvolvimento de seminários, supervisões e análise pessoal dos candidatos. Estes, ao término de sua formação, são apresentados pelo ILAP à IPA, para avaliação com vistas à sua inclusão como Membro Direto. Os pioneiros constituirão a primeira geração de analistas da IPA em seu país. Esta experiência foi inspirada por outra desenvolvida de forma exitosa no leste Europeu pelo PIEE - “HAN GROEN – PraKKen Instituto in EASTERN Europe”, com o qual o ILAP mantém intercâmbio e relação de cooperação mútua.

Para suas atividades o ILAP conta, em parte, com recursos financeiros derivados da IPA e FEPAL, ao mesmo tempo em que investe em atividades que possam promover recursos próprios para atender às demandas do trabalho nos diferentes países. Desde sua criação o ILAP foi pensado para funcionar como um Instituto independente de forma a evitar as consequências das periódicas trocas de Diretoria e assegurar a continuidade da formação iniciada em cada país. De forma sistemática o ILAP reporta suas realizações às duas entidades que o criaram.

Um Diretor Geral e quatro Diretores Associados, residentes em diferentes países, cumprem mandato de três anos com possibilidade de renovação. Os diretores são nomeados com base em experiências prévias. Telma Barros Cavalcanti, por exemplo, que foi Diretora de Difusão e Extensão do ILAP por 6 anos, trabalhou previamente por três anos no Paraguai onde, juntamente com a Dra. Elsa Aisemberg de Rappoport, participou da criação do primeiro Centro Aliado da IPA, hoje Grupo de Estudo de Assunção.

A partir do trabalho desenvolvido pelo ILAP, foi possível a criação do 1º Grupo de Estudo da IPA na América Central. Após haver testemunhado a criação do 1º Grupo de Formação do ILAP no Panamá, a Dra. Telma Barros exerceu a função de Chair do Sponsoring Committee do Novo Grupo da IPA no Panamá. Em prosseguimento a seu trabalho de Difusão da Psicanálise, inicia agora seu trabalho como Co-chair do ING para a América Latina.

Na formação oferecida pelo ILAP, as análises dos candidatos são realizadas por analistas credenciados pela Diretoria do ILAP para a Função Didática e de acordo com os standards aprovados pela IPA. São análises de alta frequência, com um mínimo de três sessões semanais sendo admitida, também, a modalidade de análise concentrada quando analista e analisandos não estão sediados na mesma cidade.

A Diretoria do ILAP é responsável por mobilizar recursos para possibilitar o funcionamento do processo de formação. A cooperação é permanente: buscam-se, por exemplo, docentes e supervisores em Sociedades de países próximos ao país no qual irão se iniciar as atividades. Em alguns países conseguem-se analistas qualificados que se disponham a imigrar, outros que se interessam em viajar sistematicamente e, ainda, candidatos que estejam em condições de buscar análise em países vizinhos, o que não é muito frequente.

O arranjo possível para cada país constitui-se no maior obstáculo que o ILAP tem encontrado.

Para o desenvolvimento das atividades de formação em cada país, necessário se faz encontrar profissionais identificados com a tarefa e disponíveis ao contato com os pioneiros locais e com os representantes da cultura local. Desde a organização da visita inicial de avaliação, o ILAP investe na valorização das manifestações culturais do país e no respeito aos padrões culturais de cada país.

Atualmente o ILAP vive o momento de transição e finalização de suas atividades no Panamá e mantém formação em curso em Honduras e Equador.

Na Bolívia o ILAP já conseguiu formar um Membro Direto da IPA e com a participação deste segue desenvolvendo atividade de Difusão.

Foram realizadas visitas do ILAP a República Dominicana, mas as condições locais ainda não são suficientes para o início de uma formação.



Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro RJ



.....tá chegando a hora! O dia já vem raiando, meu bem, é hora de ir embora....

Sim, a equipe editorial do FEBRAPSI NOTÍCIAS, que trabalhou por dois anos produzindo este jornal, está se despedindo. Lembro-me de nossa primeira reunião e de nosso espanto: o que e como fazer? Passados os primeiros momentos, idéias foram brotando e fomos nos reunindo com alegria e desejo, tendo o respeito ao outro e a convivência amorosa como lastro que dava suporte às nossas dúvidas e inseguranças.

Neste número 51, incluímos a participação de três analistas em formação no eixo “Construção do analista”. Não foi uma ‘boa ideia’? Produzimos um texto introdutório e os três seguiram com

seus pensamentos. Obrigada, Cynthia (SBPSP), Nyvia (SPPA) e Luciano (SPB)!!!

Telma Barros (SBPRJ) nos esclarece sobre o ILAP, e Pedro Duarte, o jovem filósofo que tanto nos encantou na abertura do XXIV Congresso Brasileiro falando com clareza e simplicidade sobre o complexo conceito de SER CONTEMPORÂNEO explicita algumas ideias.

Leopold Nosek, com seu texto instigante “Traumas do Cotidiano”, faz-nos pensar a respeito dos traumas nossos de cada dia.

Os membros do Conselho Diretor, e também o secretário científico, fazem seus depoimentos sobre o que significou para cada um a experiência desses dois anos de convivência e árduo trabalho sob a “batuta” de Gleda Araújo, líder nata que

despertou em cada um de nós o desejo de dar o nosso melhor. Com a dose necessária de coragem e ousadia fez, e deixou fazer, mudanças significativas. Creio que o respeito à sua autoridade e ao mesmo tempo a abertura para uma relação de consideração à alteridade foram os ingredientes necessários e suficientes para a excelente convivência e produção criativa. O clima e a qualidade do Congresso atestam estas ponderações. Obrigada, Gleda!

E assim nos despedimos....Sandra Maria Gonçalves, Patricia Getlinger, Maria do Carmo Groke e eu, agradecendo aos leitores, aos colegas que contribuíram com seus textos, àqueles que nos estimularam por meio de palavras e gestos, a todos os membros do CD, aos colaboradores diretos e indiretos. Um obrigada especial a Plínio Montagna que quando presidente de minha sociedade indicou-me para participar do CD da FEBRAPSI, dando-me oportunidade de muito aprendizado.

.....é hora de ir embora!.....



Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)



CONSELHO DIRETOR

Presidente

Gleda Brandão Coelho Martins de Araújo

Secretária Geral

Silvia Helena Heimbürger

Tesoureira

Rosaura Rotta Pereira

Diretor do Conselho de Coordenação Científica

Admar Horn

Diretora do Conselho Profissional

Ana Paula Terra Machado

Diretora do Depto de Publicações e Divulgação

Nilde J. Parada Franch

Diretora de Relações Exteriores

Anette Blaya Luz

Diretor Superintendente

Sérgio Antônio Cyrino da Costa

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretor: Admar Horn

Secretário: Daniel Delouya

SBPSP: Vera Regina J.R. Marcondes Fonseca

SPRJ: José de Matos

SBPRJ: Liana Albernaz de M Bastos

SPPA: José Carlos Calich

SPR: Carolina Cavalcanti Henriques

SPB: Mirian Elizabeth Bender Ritter de Gregorio

SBPdePA: Astrid Muller Ribeiro

SPPel: Lúcia Valquiria Souza Grigoletti

SBPRP: Lia Fátima Christóvão Falsarella

APERJ_RIO 4: Eliana Lobo

SPMS: Leila Tannous Guimarães

GEPMG: Rosália Lage Martins Bicalho

GEPG: Marísia Abrão

GEPFor: Galba Lobo Jr.

GEPCampinas: Martha Prada e Silva

DEPTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Editora: Nilde Parada Franch

Co-Editora: Sandra Maria Gonçalves

Corpo Editorial: Maria Aparecida Duarte Barbosa, Maria do Carmo Groke, Patricia Vianna Getlinger, Suely Gevertz

Jornalista Responsável: Helena Prado (MTB 51271)

Site: Q&I- Qualidade e Informática

Projeto gráfico e Diagramação: Três Design

Gráfica: Vida e Consciência

SECRETARIA

Gerente Administrativo-Financeiro

Karel Ublo (karel@febrapsi.org.br)

Renata Lang Marcel (renata@febrapsi.org.br)

EXPEDIENTE

Federação Brasileira de Psicanálise

A. N.Sra de Copacabana 540, sala 704 - RJ - CEP 22020-001

Tel/Fax 55 21 2235.5922 / 2545.5138

e-mail: febrapsi@febrapsi.org.br

site: www.febrapsi.org.br